



# QUESTÃO DE EMPATIA

Uma pesquisa americana mostrou que quanto mais rico o motorista, menos ele toma cuidado com o pedestre. Principalmente se o passante for negro. Outros estudos investigam a falta de empatia – no trânsito e na vida

**P**or que alguém é mau motorista? Há aqueles a quem falta intimidade com o volante, que se confundem na troca de marchas, não têm muita noção das diferenças entre dirigir em dia de sol e embaixo de chuva, entre a cidade e a estrada. Mas há outro tipo de condutor que se comporta de forma condenável no trânsito por vontade própria. Ultrapassa limites de velocidade, assume a direção após o consumo de bebida alcoólica, desrespeita o semáforo e a faixa de pedestres. São os que até reúnem as habilidades para dirigir, mas abusam delas por uma irresponsabilidade que vai além da sensação de onipotência: inclui o descaso pela vida do próximo. É o que têm mostrado algumas das pesquisas mais recentes sobre a psicologia do motorista. Em 2018, um estudo da República Tcheca, apresentado na publicação científica *NeuroImage*, revelou que indivíduos com histórico de direção agressiva ativam menos áreas do cérebro associadas com cognição social e empatia.

Os psicólogos tchecos monitoraram a atividade cerebral tanto de bons quanto de maus motoristas enquanto todos assistiam a vídeos de segurança viária. O objetivo era entender por que alguns condutores ignoravam as regras de trânsito, colocando a vida de terceiros em risco, enquanto outros obedeciam às normas. Os vídeos foram feitos especialmente para provocar reações de empatia e compaixão em relação às vítimas dos acidentes apresentados. Os pesquisadores, então, usaram ressonância magnética para comparar a atividade cerebral dos voluntários, especificamente numa área do cérebro chamada sulco temporal superior (STS), uma parte do órgão responsável pelo reconhecimento facial e pela nossa capacidade de imaginar o estado mental de outras pessoas sob diferentes circunstâncias – como vitimadas por uma tragédia do trânsito. E esse superpoder de nos colocar no lugar do outro é exatamente o que chamamos de empatia.

O que os pesquisadores confirmaram com esse experimento: indivíduos que não possuíam histórico de infrações de trânsito tinham maior atividade no STS, e se declararam, em questionário posterior, mais preocupados com as consequências dos acidentes sobre as vítimas. Já os maus motoristas tinham menor movimentação nessa área do cérebro, e pareciam estar pouco se importando com as implicações dos acidentes.



### **DINHEIRO E PODER (DESTRUTIVO)**

Essa investigação sobre como a empatia age nos motoristas ganhou um novo capítulo no começo deste ano, com a divulgação de um estudo realizado pela Universidade de Nevada, nos EUA, e publicado na revista científica *Journal of Transport and Health*. Os pesquisadores descobriram que a “luta de classes” também rende um MMA no trânsito:

motoristas de veículos luxuosos têm menor tendência a diminuir a velocidade na presença de pedestres atravessando a pista. Ou seja, pessoas ricas assumem mais o risco de atropelar alguém que seus pares menos abonados.

O método científico foi o seguinte: duas mulheres (uma branca e uma negra) e dois homens (um branco e um negro) atravessavam um cruzamento.

As travessias eram filmadas, assim como a aproximação dos carros da região. O comportamento de cada veículo era documentado, e o preço de cada um desses automóveis era estimado, associando referências como sites das marcas e os maiores e menores valores envolvidos em vendas privadas.

Dos 461 carros que passaram por esse trecho em que os voluntários atravessavam, apenas 28% diminuía a velocidade para esperar o pedestre completar o trajeto. (Na maioria dos casos, as pessoas precisavam

dar aquela corridinha para não serem atropeladas.)

Mas aí vêm outros achados mais impressionantes. O custo do carro foi um elemento que diferenciava o comportamento do motorista. As chances de parar para o pedestre passar caíam 3% a cada mil dólares a mais no preço do veículo. Sim, quanto mais caro o carro, menor a preocupação com a segurança do pedestre à frente.

Para os pesquisadores, uma explicação possível é que pessoas de alta renda “tenham um senso de superioridade sobre os passantes”. Resumindo: não sentem empatia porque, ao volante de seus carros de luxo, não se identificam com os indivíduos “sem carro” em seu caminho. Entendem que a vida desses pedestres vale menos que a deles.

Outra questão chocante diz respeito à diferença de cor da pele. Os automóveis pararam mais para brancos (31,1%) que para negros (24%). Mais uma vez, a questão do sentimento de superioridade fica evidente; neste caso, um reflexo de toda uma cultura de desigualdade racial.



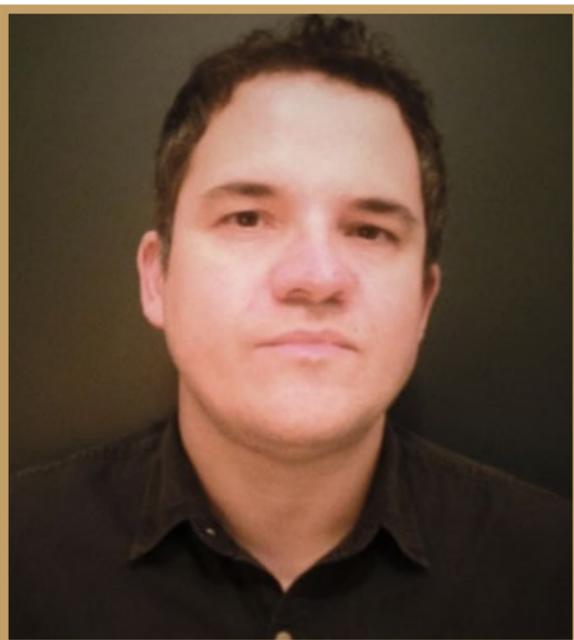
## POBRES TÊM MAIS COMPAIXÃO

Ainda a respeito dessa questão dos ricos demonstrarem menor empatia no trânsito,

psicólogos da Universidade de Berkeley, nos EUA, realizaram uma série de estudos para identificar se, realmente, a classe social do indivíduo tem influência em sua capacidade de se colocar na pele dos outros – considerando situações que vão além do trânsito.

Para ficar em apenas um dos experimentos, participantes de diversas classes sociais foram convidados a assistir a um vídeo apresentando crianças que estavam sofrendo de câncer, enquanto a frequência cardíaca dos voluntários era medida. Depois de assistir às cenas tristes, os voluntários indicaram quanta compaixão sentiram. Os resultados do estudo mostraram que os indivíduos com menor renda e educação formal eram mais propensos a relatar sentimentos de compaixão. Além disso, a frequência cardíaca desses mais pobres diminuía enquanto eles assistiam às crianças doentes – uma resposta do organismo associada à atenção aos sentimentos e motivações dos outros.

Mas por que riqueza e status diminuiriam nossos sentimentos de compaixão pelos outros? Não seria mais intuitivo que pessoas com poucos recursos fossem mais focadas em si mesmas, já que têm tão pouco a compartilhar (pelo menos materialmente)? Os pesquisadores suspeitam que a resposta esteja relacionada com a maneira como a riqueza e a abundância nos dão uma sensação de liberdade e independência dos outros. Quanto menos precisamos nos apoiar nas pessoas, menos nos importaremos com os sentimentos delas. Seja qual for a razão para essa falta de empatia nos andares mais altos da pirâmide social, uma coisa é certa: se um carro de luxo estiver se aproximando em alta velocidade do trecho em que você está atravessando a rua, não conte com a sorte... apresse o passo.



**ALEXANDRE CARVALHO**  
Editor da Revista CESVI